

Os deslimes do resíduo na literatura contemporânea: uma análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo

Mary Nascimento da Silva Leitão¹

Introdução

O conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2014), traz como personagem principal uma mulher negra e pobre que vivencia uma situação de violência em um transporte coletivo, quando retornava de sua jornada de trabalho. Ela representa um grupo e aponta para uma situação do cotidiano nas periferias brasileiras. Discutimos, neste trabalho, a presença do pensamento colonialista em prol dos debates em torno da interseccionalidade, abordada a partir de um texto escrito por uma mulher negra. As temáticas sociais, incorporadas pela literatura atual, por vezes se voltam para uma tradição no âmbito social, histórico e literário, e, outras vezes, buscam encontrar um novo modo de ser, uma nova identidade, a partir da superação do passado. Portanto, observa-se que, no âmbito da literatura contemporânea, o resíduo pode se manifestar em benefício da afirmação dos preconceitos estruturais da nossa sociedade ao mesmo tempo em que surge como um convite à mudança, à inovação de pensamentos. Para esta abordagem, as principais ideias a serem resgatadas são as de Roberto Pontes (2015; 2020), no referente ao resíduo/residualidade, as de Maria Lugones (2019), acerca do feminismo decolonial, as de bell hooks (2019), sobre a presença da mulher negra nos movimentos feministas, e as de Conceição Evaristo (2009), acerca da afro-brasilidade na literatura nacional e Candido (1999; 2006), no condizente ao papel humanizador da literatura.

Uma Maria plural

A história de Maria, personagem de um conto de título homônimo, presente no livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, foi construída e narrada em terceira pessoa, cuja estratégia de elaboração ilusoriamente dá a ideia de um narrador que se distancia daquilo que conta. Isso porque, na referida história, ele não tem o poder de alterar os fatos, de evitar a tragédia, de modificar o caos. Ele sabia do peso da sacola, do cansaço de Maria, das suas dificuldades e dores. Mas, como se fosse uma tragédia grega, não há controle sobre o fluxo

¹ Mary Nascimento é professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará. Possui mestrado e doutorado em Letras, com concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará. Seus principais estudos se voltam para a representação e autoria feminina, ensino de literatura e residualidade literária e cultural.

dos acontecimentos, pois há “um poder transcendental” que domina a heroína de tal modo a não dar espaços para possíveis alterações do seu destino.

Contudo, embora a sensação de fatalidade, por vezes, seja a mesma, estamos diante de uma representação do real, de uma ilustração constantemente descrita nos jornais, imbricada na estruturação da sociedade, vivenciada por inúmeras Marias da atualidade. A partir disso, refletimos sobre os limites de um resíduo cultural presente na literatura contemporânea. Seriam resíduos de um tempo acabado? E, se o encontramos diante de nós hoje, significa que estamos (nós e o resíduos) ultrapassados? Seriam resíduos atualizados no âmbito da violência que se moderniza segundo os meios e as tecnologias de cada tempo? Seriam resíduos de evocação do passado e reflexão sobre o futuro? Ou seria apenas um trágico resíduo de menção ao que é inevitável?

Segundo Roberto Pontes (2020, p.), o resíduo é “pura remanescência que jamais se esgota. Tem élan criativo e pode exercer uma qualidade recessiva, isto é, entrar em recesso, mas conserva sempre uma força impulsionadora da cultura, e, por decorrência, da literatura e das artes em geral”. Portanto, tomando o conto “Maria” como mote, nota-se uma remanescência que não se esgota, por se tratar de um tema recorrente em nossa literatura no arsenal dos estudos culturais. Seria o que Antonio Candido (2006, p.32), em sua obra *Literatura e Sociedade*, chama de “arte de agregação”, que “se inspira principalmente na experiência coletiva [...], procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade”.

Deste modo, observa-se uma construção na qual a metáfora da Maria aproxima significante e significado, apresentando-se com linguagem simples, mas problemática complexa. Essa complexidade surge a partir da interação entre diferentes aspectos sociais que afetam a vida da personagem principal, desde o fato de ser mãe solo, de ter três filhos de pais distintos, perpassando situação econômica e social, embate de gênero, violência etc. Assim, surge a impossibilidade de se analisar separadamente cada um desses fatores, que se entrecruzam e se afetam de modo interseccional.

Na primeira parte da narrativa, “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé”. Segundo o narrador, “Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto!”.

A precarização dos direitos do sujeito moderno se manifesta na história de Evaristo atingindo o direito de ir e vir da personagem central. O atraso do transporte público e o valor

do bilhete retiram a dignidade de aproveitar mais tempo junto dos filhos, por exemplo. Além disso, a relação entre patrão e empregado também se destaca na narrativa, lembrando-nos os versos clássicos do “Operário em Construção”, de Vinicius de Moraes:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão. (MORAES, 2008, p. 461)

A sobra de comida da festa da patroa foi levada por Maria, com satisfação; uma falsa solidariedade, constituída de restos. O descanso da patroa significava o seu **cansaço**, a sua exaustão. A gorjeta significava a oportunidade de comprar o remédio para os filhos gripados. A saúde não seria item básico e direito de todo cidadão? A navalha que cortou a sua mão também golpeou a sua vida.

Sendo mãe solo e sem o apoio financeiro dos pais das crianças, Maria tinha que trabalhar muito para conseguir dar o básico para os seus filhos. “As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?”. A ela foi dada a total responsabilidade de sustento dos filhos. E quando encontrou o pai de um deles no ônibus, ouviu o seguinte: “Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém”. Estar sozinho foi uma escolha que Maria não pôde realizar. Não poderia abandonar os filhos. Mesmo depois que foi questionada se teria outros filhos, a “mulher baixou os olhos como que pedindo perdão”. Qual seria a sua culpa? A todo instante as mulheres precisam dar satisfação de sua vida sexual e amorosa e se sentem culpadas por não se enquadrarem no modelo esperado pela sociedade. Nem mesmo se sabe se o homem estava falando a verdade; foi um encontro rápido, encontro esse que custou a vida de Maria. Apesar de falar de saudades, o pai de seu filho não demonstrou remorso, nem apontou mudança de atitude como possibilidade para assumir a paternidade. Apenas seguiu o seu projeto de sobrevivência, que seria assaltar o ônibus. A sua sobrevivência causou a morte de sua ex-companheira.

Embora tudo o que tenha acontecido à personagem tenha como ponto de partida o encontro com aquele homem, ela guardava na memória e reproduzia as suas últimas palavras: “um abraço, um beijo, um carinho no filho”.

Depois do ônibus ser assaltado e de Maria não terem tirado nada, surge a revolta dos que estavam no ônibus e perceberam o contato da personagem com um dos assaltantes. De repente, uma voz grita:

Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois [...] Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho. [...] Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... (EVARISTO, 2009, p.41-42).

Embora o motorista tenha defendido a passageira que diariamente pegava o mesmo ônibus, a sua voz não foi suficiente diante da violência coletiva que ali se evidencia. A violência à mulher negra se manifestava por palavras e gestos até não restar mais nada além de um corpo dilacerado caído ao chão.

María Lugones (2019) diz que as “mulheres de cor” não se enquadram nos padrões étnico-raciais e sociais da modernidade. Para a autora, a modernidade colonial se forma segundo a dicotomia humano e não-humano. A Maria, de Evaristo, como tantas outras Marias da ficção e da realidade brasileira contemporânea, é completamente desumanizada. Sob a ótica da colonialidade do poder, a personagem não poderia ser chamada nem mesmo de “mulher colonizada”, pois esta seria uma categoria vazia dentro de uma realidade em que colonizados são simplesmente tratados como “menos que seres humanos”. As categorias homem e mulher existiriam apenas no mundo do colonizador. “Diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial” (LUGONES, 2014, p.2)².

Essa ideia justifica o pensamento do feminismo do passado, abordado por bell hooks: “foi justamente por se recusar a ver e combater as hierarquias raciais que o feminismo do passado impediu que fosse feita a ligação entre raça e classe social.” (HOOKS, 1952, p.30). “A luta de classe é indissociável da luta pelo fim do racismo”.

² O pensamento de Maria Lugones é inspirado nos estudos de Aníbal Quijano, sociólogo e pensador humanista peruano.

Maria trabalhava para sobreviver; não tinha nada além dos restos de comida do banquete da patroa. Carregava consigo apenas um corte na mão e o medo de deixar os filhos sozinhos. Além de mulher, era negra e pobre, subalternizada, e, por isso, sem voz (SPIVAK, 1985). Retomando as palavras de bell hooks:

Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar da sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status é inferior a qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da pressão sexista, racista e de classe. Ao mesmo tempo somos um grupo que não foi instituído socialmente para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos foi concedido nenhum “outro” institucionalizado que pudéssemos explorar ou oprimir (HOOKS, 1982, p.45).

Tudo o que aconteceu com a personagem Maria, no retorno do trabalho, foi rápido, intenso e cruel. Pessoas de sua mesma classe social a violentaram, a insultaram e a silenciaram. Nota-se uma visão de mundo que coloca indivíduo contra indivíduo e “mistifica a base social de opressão” (HOOKS, 1982, p.58). Mesmo depois de toda a violência sofrida, a personagem lembrara da frase do pai de um dos seus filhos. Ela queria chegar em casa para repassar a mensagem dele. Mas o seu desejo de se pronunciar foi violentamente destruído.

Há, no texto de Evaristo, um “sistema de opressão interligado”(AKOTIRENE, 2019, p.16) que levou uma mulher negra, pobre, mãe solo a ser esmagada por todas as outras camadas do poder que se encontram acima dela. O discurso tantas vezes propagado socialmente acerca de mulheres fortes, aos moldes de Maria, que tudo enfrentam e suportam, não dá conta da brutalidade silenciadora de qualquer fortaleza. Não se trata de uma luta igualitária, como averiguamos no conto. A personagem foi agredida por várias mãos, sem direito à defesa. É justamente isso que o sistema faz. De forma desumana, desigual, ele explora, esmaga e mata pessoas subalternizadas. “A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2019, p.49).

Assim, nas narrativas contemporâneas observamos, não por acaso, a presença constante de temas que mostram como a colonialidade se manifesta em nosso meio. São referências persistentes que residualmente apontam para a nossa realidade. São resíduos que conscientemente são resgatados por autores do presente mostrando que as nossas raízes continuam as mesmas. Pontes nos diz que:

o resíduo literário, de natureza cultural, é matéria dotada de vigor, aproveitável a qualquer momento pela força criativa, em razão da faculdade que lhe é inerente, de vir a ser nova obra. A melhor imagem para traduzir a força do resíduo a ser

cristalizado é a da brasa acesa e oculta sob cinzas, à qual basta um sopro para voltar a ser chama (PONTES, 2015, p. 113).

Tomando como exemplo a sociedade brasileira dos últimos anos, podemos dizer que houve um impulso ou, nas palavras de Pontes, um sopro sobre as cinzas que ilusoriamente escondiam preconceitos e mentalidades desumanizadoras. Vivenciamos um tempo que motivou a ampliação de vozes que se sentiam/e ainda se sentem respaldadas por um discurso opressor. Observe-se, com isso, que os resíduos podem surgir tanto de modo consciente quanto inconsciente, mas, a todo instante, circulam nos nossos textos levando-nos a uma reflexão crítica que entrecruza o ontem e o hoje.

Ao realizarmos a leitura do conto de Conceição Evaristo, dizemos que se trata de um fato comum na realidade brasileira. Contudo, não se trata de uma ponte direta entre texto e contexto, ficção e realidade. Há, em meio a isso, um efeito estético que, sendo individual, provoca sensações diversas antes da reflexão sobre a crueldade de uma história que se lê nos jornais diários e que, infelizmente, é uma constante. João Francisco Duarte Junior, em seus *Fundamentos Estéticos da Educação*, diz que “O artista capta os sentimentos de sua época e comunidade, exprimindo-os a partir de suas experiências pessoais, de seu “sentir-se-no-mundo”. Mais adiante continua: “[...] a obra de arte constitui-se na objetivação dos sentimentos, isto é, na sua concretização em um Símbolo. Frente a ela podemos contemplar os sentimentos engastados em suas formas, apreendendo-os enquanto expressividade” (DUARTE JUNIOR, 1981, p.82). Essa expressividade notada na obra de Conceição Evaristo reafirma uma escrita afro-brasileira e mais especificamente, uma literatura negra feminina. A construção das personagens e enredos da autora fogem dos estereótipos e da invisibilidade dos povos negros na literatura brasileira, em geral, buscando a escrevivência. (EVARISTO, 2009).

Considerações finais

Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, abordando a concepção do sociólogo moderno, diz que:

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2006, p.29)

Neste sentido, podemos ler os resíduos modernos como muito mais do que a retomada de um traço da mentalidade do passado que se perpetua. Imbricado nele também está uma reflexão que aponta para o futuro no sentido de transformação. Pensemos nisso, a partir das palavras de Candido em “A literatura e a formação do homem”:

na medida em que nos interessa também como experiência humana, não apenas como produção de obras consideradas projeções, ou melhor, transformações de modelos profundos, a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras). Mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos (CANDIDO, 1999, p.82).

Candido nos diz nesse mesmo texto que a força humanizadora da literatura está em exprimir o homem e, ao mesmo tempo, atuar sobre a sua transformação. Diferentemente da essência da colonialidade que trata os indivíduos subalternos como não humanos, a partir do texto de Evaristo, unido à reflexão de Candido, podemos afirmar que a literatura, ao trazer o espelho da exploração nos diversos âmbitos sociais, é instrumento de combate a esse sistema, pois ao mostrar, também transforma. E é este o caráter do resíduo atual: resgatar o passado e apontar para o futuro, mas não como um elemento a ser reproduzido do modo como foi resgatado. O apontar, aqui, significa uma vertente de humanização concebida a partir da reflexão sobre o que insiste em permanecer em nosso meio.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados [Uberlândia, MG], 1981.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. (Contos)

HOOKS. Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro; tradução Rainer Patriota. - São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

PONTES, Roberto. “Pródromos conceituais da Teoria da Residualidade”. In: LIMA, Francisco Wellington Rodrigues et al. **Matizes de Sempre-Viva**: residualidade, literatura e cultura. Macapá, UNIFAP, 2020.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth (Orgs.). **Residualidade ao alcance de todos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.